

# MARÉ VIVA

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I - N.º 31 — PREÇO 3\$50 — 2/2/77

## Um problema grave

Durante a campanha para as recentes eleições para as autarquias cada Partido concorrente distribuiu o seu programa. Nesses Programas o problema da habitação é por todos referido, dada a sua inegável gravidade. Hoje, as quatro Associações Políticas mais importantes estão à frente da Câmara Municipal. Cabe-lhes aí, na prática, responder pelos seus Programas. «Maré Viva» recorda algumas afirmações desses Partidos e manifesta a sua disposição de contribuir para o estudo da situação actual da questão da habitação, com vista à tomada das medidas indispensáveis.

«4.º Estudo de construção de bairros destinados a famílias mais desfavorecidas.»

(CDS — Manifesto Concelho de Espinho)

«O problema da habitação em Espinho tem solução. O necessário é ter coragem para agir no interesse da população, mesmo que seja contra as conveniências de certa gente.»

(FEPU — Espinho Programa Eleitoral)

«A questão habitacional será uma das grandes preocupações dos candidatos do PPD/PSD.»

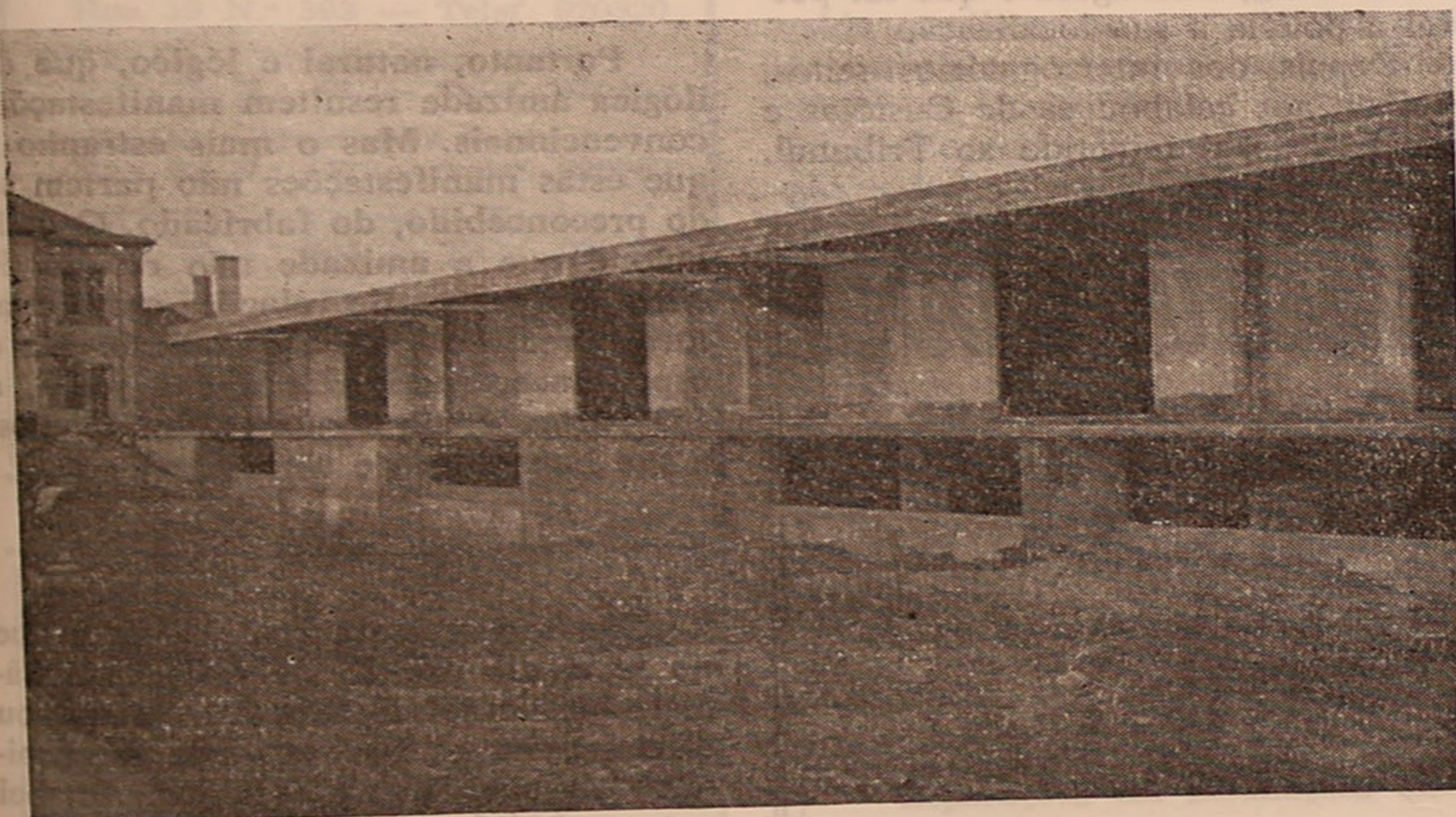
(PPD/PSD — Aos Eleitores do Concelho de Espinho)

«Em Espinho faltam neste momento 3.000 fogos para responder às necessidades mínimas da população residente.»

(Partido Socialista — Espinho — Programa dos Candidatos à Câmara e Assembleia Municipal).

(Conclui na pág.º 3)

## Construção interrompida



É notório o surto de novas construções que se está a verificar na cidade, muitas delas em terrenos praticamente no centro e que permaneciam há anos sem utilização. Até por isso se torna mais estranho o que se passa com o prédio sito na rua 8, entre as

27 e 29, cuja fotografia reproduzimos. Trata-se de uma construção parada há muito tempo, pertencente ao senhor A. Pinto de Magalhães e que se destinava a três vivendas para o verão... um

(Continua na página 3)

## Leia na página do Trabalho

— A COTESI continua parada! Porquê?

## DE SEMANA A SEMANA

### Um acto de Justiça

Os regimes fascistas estão em vias de ser definitivamente banidos da face da Europa. Acossado por todos os lados, e ultimamente pelos povos de Portugal e da Grécia, o fascismo fez da Espanha o seu último reduto neste velho continente.

Frente ao tímido programa de reformas que Adolfo Suárez se propôs levar a cabo, na certeza de que não é possível sustentar o insustentável, o fascismo internacional aí congregado entrou em pânico e deitou mão dos meios extremos que costuma utilizar, assassinando, numa semana, à mão armada e à luz do dia, um estudante, cinco advogados e dois agentes da polícia, além do rapto do General Villacueva, presidente do Supremo Tribunal Militar.

Mas a escalada da violência não surte já os efeitos que o fascismo espera. A recente história do povo chileno constitui uma grande lição para todos os povos oprimidos do mundo que já não perdem o senso e a calma com a facilidade que esses criminosos desejam. Foi assim em Portugal e assim está a acontecer em Espanha. Claro exemplo é a posição neutral assumida pelas forças militares e militarizadas do país vizinho que, como as portuguesas que tantas vezes foram solicitadas para tomarem as medidas de força que teriam feito abortar todo o processo de democratização, já se deram conta de que é precisamente quando são mais difíceis de manter e de encontrar que a calma e a ponderação fazem mais falta.

Mas os problemas de natureza política carecem de medidas políticas que urge tomar. Creemos que a sua eficácia depende em larga medida dum entendimento muito aberto entre as principais forças democráticas, onde seja definido como prioritário o objectivo de derubar o fascismo e implantar a democracia. Será motivação bastante para que o povo espanhol lhes conceda o apoio indispensável ao arranque para a luta. E o papel do chefe do Governo espanhol será tanto mais realista quanto mais elevada for a sua capacidade de ir cedendo às justas exigências desse mesmo povo sem deixar, em cada momento, romper o equilíbrio entre as opostas forças em presença.

É evidente que as dificuldades vão ser enormes em virtude do elevado número de reaccionários e fascistas que, de há muitos anos, se vêm acotando naquele país. A Espanha tem os refugiados que o seu Governo merecia. Agora, o povo pagará os erros dos seus governantes. Mas um povo que, durante mais de trinta anos, sempre manteve viva e actuante uma exemplar resistência antifascista, ganhará a batalha.

Portugal que, por seu lado, através de acções criminosas dos seus dirigentes fascistas, em tão larga medida contribuiu para a implantação do fascismo em Espanha, deve oferecer agora ao povo espanhol toda a sua solidariedade, todo o seu apoio, toda a experiência que

## Espinho e Vila Real

### — UMA AMIZADE QUE PERDURA

Será difícil conseguir explicar a amizade existente entre Espinho e Vila Real, entre as duas cidades de características geográficas, económicas e sociais distintas. Será difícil e qualquer tentativa de análise esbarrará contra a força aparentemente ilógica destas relações amistosas que se prolongam com o passar dos anos.

E se estas manifestações, tal como no passado dia 23 de Janeiro, se encontram ligadas a eventos desportivos, a desafios de futebol entre o S. C. de Vila Real e o S. C. de Espinho, são muito mais que chutos na bola, que jogos interrompidos devido ao mau tempo, como aconteceu desta última vez. Não são os equipamentos que os jogadores envergam, a categoria profissional de cada atleta, não é o título que se persegue ou a despromoção que se pretende evitar. Não são meros distintivos, bandeiras que os adeptos empunham, ou dezenas de camionetas que transportam excursionistas. Não, não é por este lado que podemos explicar a amizade entre uma povoação do litoral e uma povoação transmontana.

Não são também, os foguetes, as bandas de música, os jantares, as comemorações oficiais, os discursos. É todo um conjunto de reacções espontâneas, de rostos abertos, de sorrisos rasgados, de mero cumprimento ou de apertado abraço. É evidente que existem as cerimónias oficiais, a música, os foguetes, o vinho, o futebol, as excursões, as quadras de boas-vindas.

«(...) Nós somos mar e terra, terra e [mar

Na mágica visão de marulhar.  
Que faz do nosso encontro uma poesia!

Espinho, somos nós que te cantamos  
Quem tece o laço azul que te ofertamos  
Na fraternal vitória deste dia.»

Vila Real, 22-1-77

Alberto Miranda

(Conclui na página 2)

adquiriu no seu próprio processo de derrube do fascismo.

E ao oferecer àquele povo amigo todos os meios de que puder dispor, incluindo o prestígio internacional que ainda lhe resta, Portugal não fará mais do que praticar um elementar acto de justiça, de proceder à restituição do que ajudou a roubar. E o povo português ficará com razões para poder orgulhar-se de ter contribuído para a reposição da democracia em Espanha e para a devolução ao seu povo da dignidade de que o privaram por tantos anos.



# CINEMAS

## S. PEDRO

Dia 3, Quinta-feira — «O Paraíso das Damas» — Maiores de 18 anos.

O público jovem quase o ignora e o demais já o esqueceu. Ele foi, sem dúvida, o galã europeu que mais corações femininos conquistou. Ele é digno merecedor da simpatia de todos nós. Ele é o malogrado e saudoso Gerard Philipe.

Este seu filme não é dos mais notáveis, mas vale sempre a pena.

Dia 4, Sexta-feira — «O Gendarme em Saint-Tropez» — Maiores de 10 anos.

Filme inaugural da carreira do «Gendarme» e que permitiu ao seu protagonista Louis de Funès, consolidar simpatia junto do vasto número dos seus admiradores.

Embora consideremos o seu mérito muito relativo, não se lho pode negar totalmente. A considerar.

Dia 5, Sábado — «Soldado Azul» — Maiores de 18 anos.

No ano em que este filme foi produzido assistia-se à agressão americana ao Vietname.

Através de filmes abordando temas sobre o que foi então a luta entre brancos e índios e consequente genocídio destes, pretendia-se criar situações paralelas, sobre as quais os seus produtores extraíram as versões que mais lhe convinham.

Resumindo: não sendo de ignorar, convém ter em atenção os seus demagógicos objectivos.

Dia 6, Domingo — «O Relojoeiro» — Maiores de 18 anos.

Livros policiais são atractivo de muitas pessoas. Muitos mais são os entusiastas quando as histórias neles narradas são transpostas para o cinema. Este filme é um exemplo do que dizemos, se tivermos ainda em atenção que se trata dum policial escrito pelo famoso George Simenon.

O talento do realizador não é por aí além, mas o do autor compensa bem esse pormenor. A ver, portanto.

Dia 8, Terça-feira — «Bonitas Demais Para Serem Honestas» — Maiores de 18 anos.

Poucos dados dispomos acerca deste filme, mas pelo que soubemos é merecedor da nossa atenção. Bernardette Lafont, entre outros atractivos, é factor a ter em conta.

## CASINO

Dia 2, Quarta-feira — «Kamasutra, A Arte de Amar Indiana» — Maiores de 18 anos.

Seria de estranhar, se atendermos ao crónico oportunismo dos filmes ditos pornográficos, que não aparecesse qualquer alusão àquele famoso livro, ainda muito apreciado nos países «civilizados».

Aqui está a prova de que os fazedores deste tipo de filmes estão sempre atentos para o negócio. Infelizmente.

Dia 3, Quinta-feira — «O Caso Dominic» — Maiores de 13 anos.

Assunto que apaixonou a opinião pública internacional e particularmente a francesa nos anos 50, transposto para o cinema com alguma oportunidade.

O tema em si poder-se-á considerar banal, mas devido à celeuma então criada em torno de tão ensombreado facto, justifica a nossa curiosidade.

Dia 4, Sexta-feira — «A Visita Maravilhosa» — Maiores de 13 anos.

Assinado pelo experiente e consagrado realizador Marcel Carné, surge-nos este filme, do qual desconhecemos o seu título original e ano de produção, a fim de lhe podermos atribuir com justeza o seu valor. Esquecendo esse pormenor, nada nos impede de apelarmos ao leitor que não perca a oportunidade de conhecer o trabalho do autor de «Les Enfants au Paradis».

Dias 5 e 6, Sábado e Domingo — «Viridiana» — Maiores de 18 anos.

## AINDA VAI A TEMPO...

### As bichas da gasolina

Antes da entrada em vigor dos mais recentes preços nos combustíveis (à força de tantas vezes aumentarem dentro de algum tempo já não saberemos quais são os «mais recentes preços») assistiu-se, de novo, a uma manifestação (já habitual) de desrespeito pelos outros cidadãos por parte de alguns que, atropelando-se, se dirigiram às bombas (enquanto era tempo!) no sentido de atestarem os depósitos dos seus automóveis. Bichas enormes, confusão e, acima de tudo, uma forma incorrecta de se colocarem perante o problema.

Porque, das duas uma: ou se considera injusta e errada a medida tomada e nessa altura se faz sentir o nosso desagrado, reivindicando a atitude correcta e justa ou se concorda com a fixação dos novos preços e, nessa altura, nos dispomos a «contribuir para o equilíbrio da balança orçamental».

O que nos não parece correcta é a atitude da corrida às «bombas». Senão, vejamos: o aumento passou de 17\$50 para 21\$00 no caso da gasolina super. E cada veículo comporta, em valor médio, cerca de 40 litros de gasolina. Uma corrida às bombas, antes da entrada dos novos preços, significa uma poupança da ordem da centena e meia de escudos.

Centena e meia de escudos que, possivelmente no dia seguinte, vai ser esbanjada noutro lado... e doutra forma! Pois bem, há aqueles que não têm possibilidades de se colocarem na bicha e que, no dia seguinte, porque necessitam de gasolina, encontram nos postos de abastecimento o letreiro «ESGOTADO». E aí ficam prejudicados, apenas porque, invocando os tais 150\$00 de poupança, certos indivíduos, egoisticamente, tomaram para si aquilo que os outros igualmente necessitavam.

A corrida às bombas, nestas circunstâncias, parece querer transformar-se numa (mais) psicose colectiva, mais uma das muitas formas de alienação de que, infelizmente, somos férteis.

Encher o depósito, atafulhar os espaços vazios de nossa casa com garrafas de gás, saltar sobre os direitos dos outros, na maior parte das vezes vociferando contra a «medida antidemocrática» do Governo parece-nos, realmente, pouco dialéctico e muito prejudicial à uniformização da distribuição de combustíveis por toda a gente. Ou seja: parece-nos, realmente, muito pouco «democrático»...

E a ser assim, mantém-se o desequilíbrio, prejudica-se a maioria e abafa-se a possível não-concordância com a subida dos preços em vez de a desmascarar e manifestar publicamente.

### Apanhado o «pássaro» que voava

A PSP numa das suas rusgas habituais pela nossa cidade, conseguiu agarrar na sua «rede» o pássaro que há muito lhes andava a voar.

Tratava-se do conhecido António da Rocha Carvalho, «o Toni», de 23 anos, desempregado e residente na Marinha do Rio Largo.

Foi detido próximo do Pavilhão da A.A.E., para averiguações, já que o mesmo é acusado de ter cometido vários furtos, como seja: ao restaurante Katkero; à garagem de motorizadas de Manuel Pinto; ao armazém de mercearia de Carlos Alberto Moreira Mar-

ques; dum leitor de «cassettes» numa viatura automóvel estacionada e ainda numa aparelhagem da marca «Sony» da Banda de Música Paramense. Alguns deles noticiados pelo «Maré Viva».

Já no dia 25 de Dezembro último, depois de estar a proceder à venda de tabaco furtado, ao ser interceptado por um polícia e depois deste lhe dar voz de prisão, «o Toni» pôs-se em fuga. Apesar de ser procurado até à data para prestar declarações, tem-se sempre furtado a tal, e só agora é que foi possível à polícia a sua localização.

Depois dos interrogatórios feitos, recolheu aos calabouços de Custódias e mais tarde será remetido ao Tribunal.

## Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

A SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

Importante obra de Luis Buñuel para a qual chamamos a atenção dos cinéfilos, e não só, devido ao facto de se tratar de um filme dos mais significativos ultimamente realizados por aquele cineasta.

O acontecimento mereceria um melhor desenvolvimento por nossa parte, mas devido à exiguidade de espaço ficamos apenas pela especial referência. A não perder.

Dia 7, Segunda-feira — «A Cidade do Crime» — Maiores de 18 anos.

A publicidade anuncia-nos: *crueidade!* Mas será que isso é um manifesto aliciente?! Anda por esse mundo fora tanta gente a apelar para o entendimento por meios pacíficos...

Nota — Registamos, com contentamento, ter sido esta uma das semanas que melhores filmes nos proporcionam ver, referindo ainda que no dia anterior ao seu início, esteve entre nós, «Hiroshima, Meu Amor».

Por este facto, e se o orçamento o permitir, aproveite tudo quanto nos é proporcionado assistir. «Hurry, hurry», que tal não torna a acontecer tão cedo!

## MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º

Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Vitor Sousa

Fizeram este número:

Agostinho Chaves - Albertino Ribeiro - Ana Maria - António Letra - António Santos - Augusto Mota - Dário Capela - Eugénio Moraes - Fausto Neves - Joaquim Fidalgo - José Cruz - Manuel Loureiro - Moraes Gaio - Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos P. Moraes - Secção Cultural da Cooperativa «Nascente».

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

# NO TI CI AS

## Espinho e Vila Real

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 1

«—O Vila Real alegre, Província de Trás-os-Montes!»  
Que esta voz do Mar se integre  
No cantar das tuas fontes!»

Alberto Barbosa

Portanto, natural e lógico, que da ilógica amizade resultem manifestações convencionais. Mas o mais estranho é que estas manifestações não partem só do preconcebido, do fabricado. O mais belo é que a amizade não resulta de elites, de castas, de relações entre criaturas pretensamente iluminadas. Ela é espontânea, pura, daí a sua força, a sua permanência ao longo dos tempos, a sua intensidade e sinceridade.

Não poderemos deixar de referir que no já citado dia 23 de Janeiro, a Câmara Municipal de Vila Real inaugurou oficialmente a Rua «Cidade de Espinho», aproveitando o desafio de futebol entre os clubes das duas cidades e a consequente presença de centenas de espinhenses. Para isso foi convidada a Câmara Municipal de Espinho que teria enviado um seu representante a essa cidade transmontana. Mas a inauguração, entre chuva e aplausos, realizou-se sem a presença do nosso representante oficial. A artéria que já há dois anos tinha este nome, tem-no agora oficialmente. Espinho foi homenageado por Vila Real! Mas sem a presença da nossa Câmara. Foi um cidadão espinhense, que involuntariamente, de improviso, colaborou nesta cerimónia. As razões porque o nosso representante não apareceu, desconhecemos. Pensamos, no entanto, que não podemos deixar de lamentar o sucedido, de desejar que situações como esta se evitem.



# UM PROBLEMA GRAVE — HABITAÇÃO

## Habitação — Construção Privada

(Conclusão da 1.ª página)

Apesar de todos reconhecerem a sua enorme importância, é imperioso compreender que o problema da habitação não se restringe à falta de casas, mas abrange também o estado calamitoso em que muitas se encontram, albergando famílias numerosas em condições péssimas de conforto e higiene. Consequentemente, não é só o problema dos jovens casais que tentam arranjar casa para viverem, ou mesmo o dos retornados ou indivíduos que se tenham que fixar noutras regiões: temos que incluir aqui também o preço das rendas, os bairros pobres sem condições mínimas, as «colmeias» humanas, o subarrendamento, a construção clandestina, enfim, a falta de uma política geral de urbanismo virada para a satisfação das necessidades dos cidadãos.

Numa situação que se caracteriza por uma degradação tão catastrófica das condições de habitação de largas camadas da população e baseando-se numa

linha de orientação política tal como a define a Constituição, a construção privada não poderá ser a solução capaz. Não que seja prejudicial ou que não deva ser incrementada e apoiada. No entanto, é ao Estado que compete desenvolver as acções de fundo contra a falta de fogos e de recuperação de zonas habitacionais degradadas. A esta acção estatal dedicaremos a nossa atenção brevemente.

A construção privada tem passado ultimamente por uma crise generalizada. Quanto ao concelho de Espinho recolhemos na Repartição Técnica da Câmara alguns dados.

Assim, no ano de 1976 entraram na Câmara 97 projectos para constru-

ção em todo o Concelho. Apesar de não termos conhecimento do número dos que foram aprovados, poderemos tomar o mesmo número como válido, já que qualquer projecto não aprovado seria, certamente, corrigido e remodelado de acordo com os pareceres técnicos. Outro número que nos facultaram foi o das obras iniciadas também no ano passado — 57 em todo o Concelho. Deste número, a maioria é referente a casas individuais, normalmente pertencentes a emigrantes, criando-se assim um número muito restrito de fogos.

### Construção interrompida

(Conclusão da 1.ª página)

verão que nunca mais veio, talvez porque as praias brasileiras tenham passado a ser mais adequadas a certos veraneantes.

Mas não será tempo de quem de direito tomar providências, definindo o futuro da interrompida construção? Ou teremos de entender que a indefinição permanece e que a construção vai continuar adiada, hipotecando todos os alicerces que foram lançados?

### Nogueira da Regedoura

#### FENIX: ALTURA DE REFLECTIR

Está-se a completar um mês sobre o encerramento da quinzena de actividades culturais e desportivas, com que a Fenix animou Nogueira da Regedoura.

Foram quinze dias de intenso trabalho de um grupo de jovens. Mas foi muito mais o tempo de concepção, de preparação dessas actividades. Todo o cuidado foi posto nesta iniciativa, com que se pretendeu libertar a freguesia e o seu Povo do isolamento cultural em que vive.

Não é que a Fenix só agora tenha feito algo do género. Já fez e muito. Lembremos a sua actividade cultural, a dinamização desportiva, etc.

Simplemente, desta vez foi um projecto de maiores dimensões e responsabilidades.

Olhando para trás, sentir-se-á agora a Fenix recompensada dos seus esforços?

Claro que nem tudo correu idealmente. As «Olimpíadas» não se realizaram devido ao mau tempo, o Grupo Coral da Secção Cultural da Associação Académica de Espinho não se pôde deslocar a Nogueira, e um outro contratempo de menor importância.

De resto, assistiu-se a uma boa participação da população de Nogueira ocorrendo em bom número aos espectáculos de teatro, aos colóquios e às exposições.

Em suma, o trabalho desenvolvido, se não teve um êxito espectacular (quem o poderia legitimamente esperar?) justificou-se plenamente.

Tudo leva o seu tempo e só o tempo fará com que os resultados desta quinzena e outros que se sigam possam ser correctamente avaliados. Sim, porque a Fenix pode e deve continuar a sua luta pela implantação em Nogueira duma vivência cultural e desportiva, que se torne um hábito para os nogueirenses.

Até lá, trabalho, trabalho, muito trabalho. E isto a Fenix sabe-o melhor do que ninguém.

### Vergada

#### CONVÍVIO CULTURAL

Realiza-se no próximo dia 5 de Fevereiro no Salão Paroquial da Vergada, um convívio cultural, o qual contará com a participação do cantor Manuel Dias e com o Grupo de Teatro do Centro Cultural de Grijó, que representará a peça «A Fonte».

A organização está a cargo de um grupo cultural local.

### Manuel da Feira

Manuel de Oliveira Marques Ferreira

Serviço à lista — Almoços e Jantares — Cozinha Regional Especialidade em frango embriagado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 ESPINHO

### FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275  
Telef. 920413 ESPINHO

### PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.ª — Telef. 921218  
ESPINHO

### J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

### MARÉ VIVA interessa aos trabalhadores

### Silvalde

#### A nova Junta

A Assembleia de Freguesia de Silvalde escolheu, na sua primeira sessão de trabalhos, os elementos que constituirão os novos órgãos de poder local da freguesia. Foram objecto da eleição todos os cargos que abaixo referimos, com excepção, evidentemente, do presidente da Junta de Freguesia, designado pelas eleições de Dezembro e representando o partido mais votado: o Partido Socialista.

JUNTA DE FREGUESIA — Presidente — Adão Rodrigues Pinto Loureiro (PS); Secretário — Manuel dos Santos Ferreira (PS); Tesoureiro — Manuel Jorge Oliveira da Silva (PS).

MESA DA ASSEMBLEIA DE

FREGUESIA — Presidente — Eurico Jorge Alves Dias (PS); 1.º Secretário — Alberto Pereira Martins (PS); 2.º Secretário — António Pires Serra (FEPU).

Dada a saída dos elementos da Junta para as suas funções executivas, foram designados os seus substitutos, todos do PS, que assim vão acertar a composição da Assembleia de Freguesia.

São eles Armando de Sousa Correia, José Domingues Pereira e Domingos Gomes de Oliveira.

Quanto à hegemonia do PS lembremos que tem 5 elementos em 9 na Assembleia de Freguesia. Nada mais natural, portanto.

### FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Paiva  
Rua 19 N.º 319 — Telef. 920250

QUINTA — Farmácia Higiene  
Rua 19 N.º 393 — Telef. 920320

SEXTA — Grande Farmácia  
Rua 19 N.º 46 — Telef. 920352

SABADO — Farmácia Teixeira  
Rua 62 N.º 457 — Telef. 920092

DOMINGO — Farmácia Santos  
Rua 19 N.º 263 — Telef. 920331

SEGUNDA — Farmácia Paiva  
Rua 19 N.º 319 — Telef. 920250

TERÇA — Farmácia Higiene  
Rua 19 N.º 393 — Telef. 920320

### CASA

#### TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa

— LANCHES VARIADOS —

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior

Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

### CAFÉ E RESTAURANTE

#### COPÉLIA

Almoços e Jantares — Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados — Grande variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

«MARÉ VIVA» o  
Jornal da região

Reparações em instalações eléctricas e em todos os electrodomésticos

### ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA

VENDA DE TODO O MATERIAL ELECTRODOMÉSTICO  
E DE BAIXA TENSÃO

Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

### BAPTISTA

Móveis e Decorações

Rua 20 n.º 528 ESPINHO



# A COTESI continua parada! Porquê?

Já no nosso número anterior abordamos a questão e verificamos, que por um lado, a paralisação é motivada pelo facto da Administração não cumprir uma portaria, que concede aos trabalhadores do sector químico o direito ao contrato colectivo do seu Sindicato, e por outro lado porque o dr. Marcelo Curto, o mesmo que assinou a referida portaria quando secre-

tário de Estado do Trabalho, emitiu agora, como Ministro do Trabalho, um despacho que permitiu à Empresa a suspensão dos 208 operários químicos que lutavam, pelo cumprimento da citada portaria.

Face à paralisação do sector químico, esta Empresa onde laboram, mais cerca de 1.800 trabalhadores, tem a sua produção praticamente a

zero. Entretanto, a Administração realizou plenários no passado dia 24 e a seguir distribuiu pelos trabalhadores um extenso comunicado.

A propósito deste comunicado falámos com alguns trabalhadores e recebemos as suas opiniões.

«É-nos referida a contradição entre uma afirmação feita no comunicado (... a «COTESI» pôde chegar ao fim de 1974 com uma situação invejável) e a posição assumida pela Administração nesse mesmo ano. Contam-nos que em 1974, depois do 25 de Abril, os operários que tinham salários muito baixos, tiveram de ir para a luta para conseguir aumento dos mesmos. E que ainda nesse ano, quando os Sindicatos apresentaram um caderno reivindicativo, sempre o Administrador Eng.º Edgar, argumentou com crise e dificuldades para não satisfazer as reivindicações dos trabalhadores. Como explicar isto, dizem-nos. «Onde se falou verdade? Em 1974 nas conversações com os Sindicatos, ou agora no comunicado?» Depois ainda se dizem muito vexados por se pedir uma peritagem».

Referem-nos ainda os mesmos trabalhadores, que um dos objectivos do citado comunicado será tentar explorar as possíveis contradições que possam surgir no seio dos trabalhadores, para os dividir e virar uns contra os outros. Aliás, já na luta travada por causa da Quotização Sindical se tentou pô-los contra os Delegados Sindicais e Sindicatos, mas agora vai-se mais longe, procurando virar-se sectores de trabalhadores contra outros sectores.

Mais adiante confessam-nos não perceber muito de números, mas estranhar toda esta situação, pois por causa da atitude da Administração a Empresa está a perder milhares de contos, mas nega-se a cumprir a portaria dos químicos, uma posição que não se deve prolongar por muito mais tempo.

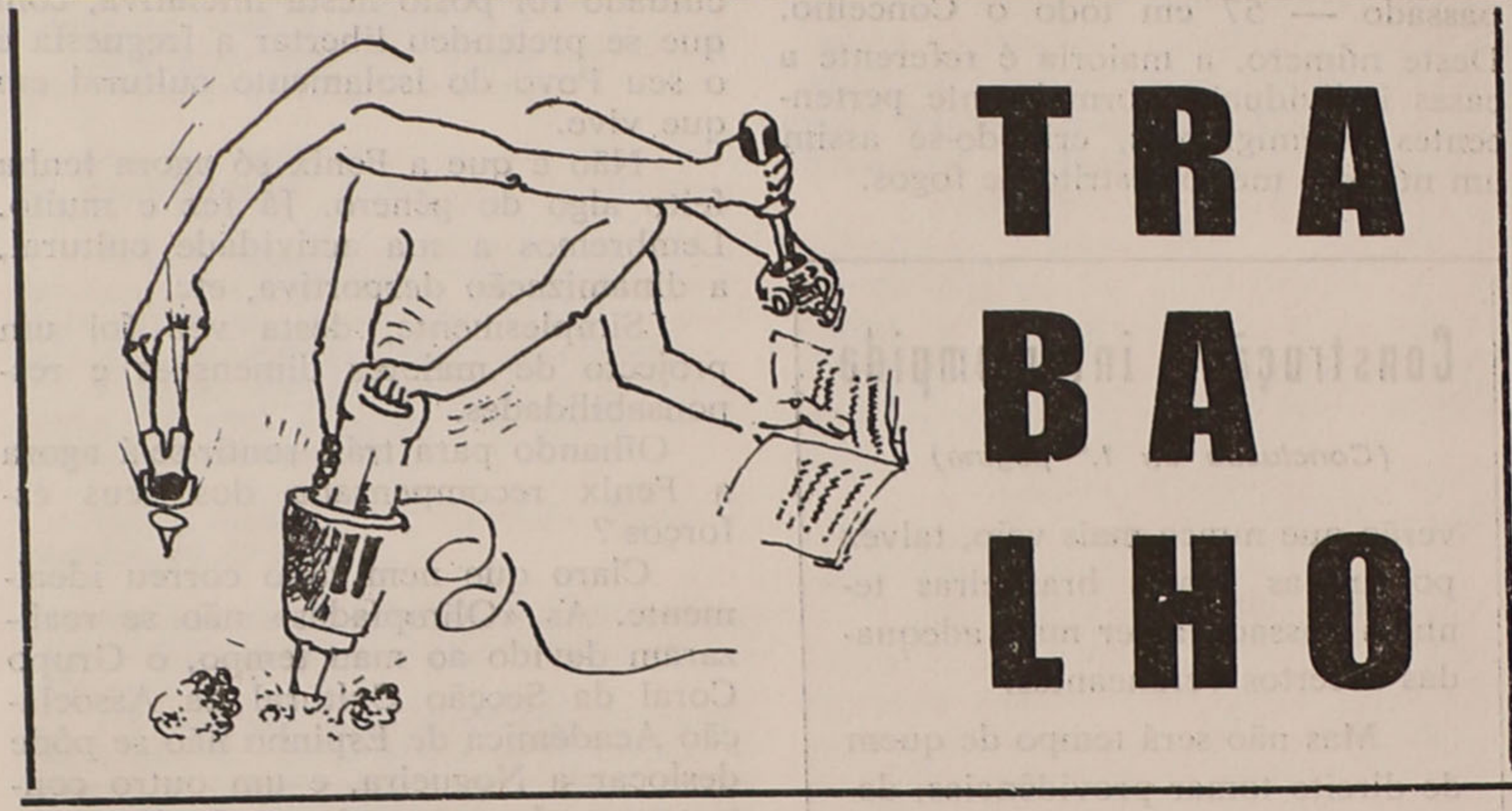
Por fim, perguntámos o que pensavam da luta dos químicos. Dizem-nos que se trata de uma luta justa, no entanto, que no futuro, o Contrato Colectivo deve ser único. Não faz sentido na mesma Empresa, vários contratos. Deve ser só um, mas claro, com as diversas cate-

gorias. Aliás, isso dá-nos mais torça e não permitirá que a Administração nos tente dividir.

Ainda relativamente ao citado comunicado, parece-nos a nós, que se joga muito com as palavras. A Administração da «COTESI» sabe que apesar da nacionalização de certas Empresas, continuamos a viver em sistema capitalista, estamos a construir a Democracia, não estamos pois, a viver em Socialismo. Mas porque no comunicado se faz tanta referência a papões, como explicará a Administração da «COTESI» que durante 50 anos de paz «podre» do regime fascista, existindo em Portugal tantos srs. Violas, Melos, Champalimauds, Espíritos Santos, Pintos de Magalhães, etc., o nosso País fosse o mais pobre da Europa? Como explicará que a quando do 25 de Abril mais de 50% dos Trabalhadores Portugueses ganhassem menos de 3.300\$00? Como explicará que cerca de 300.000 trabalhadores com mais de 65 anos não tenham qualquer pensão de reforma e que mais de 500.000 tenham pensões da ordem de 2.000\$00 ou menos? E como explicará que a par de tanta pobreza, ainda exista a quem não faltem vários automóveis, bons palacetes, viaje quando quiser e gaste quanto lhe apetecer?

Também a propósito dos capitais levados para a «COTESI» muito se poderia dizer. Nós perguntamos se alguém a trabalhar por conta de outros conseguirá arranjar tal soma? Não! Só é possível quando se tem outros a trabalhar por nossa conta. O capital próprio que foi levado para a «COTESI», embora pertença de uma única pessoa, é o resultado do trabalho de milhares de homens que anonimamente deram o seu esforço na «CORFI». Quanto ao capital alheio, já amortizado, esse já é fruto dos milhares de trabalhadores da «COTESI». Isto não significa que a gestão das Empresas não tenha importância, antes pelo contrário. O que não se pode é esquecer o valor insubstituível dos trabalhadores na criação de riqueza e como tal reconhecê-lo.

**ALGO ESTÁ MAL, MAS NÃO SERÁ COM CERTEZA O FACTO DOS TRABALHADORES LUTAREM POR AQUILO A QUE TÊM DIREITO.**



## REFORMADOS — uma luta pela libertação da miséria

«O Estado promoverá uma política de terceira idade que garanta a segurança económica das pessoas idosas», diz o Art.º 27.º da Constituição da República.

A condição de reformado no nosso país é geralmente sinónimo de dificuldades, quando não mesmo de miséria.

O regime fascista, mais interessado na protecção aos capitalistas que em poucos anos faziam fortunas fabulosas assim como na guerra colonial que consumia a maior verba do orçamento do Estado, sempre esqueceu aqueles a quem a doença ou a idade atingiam.

Para estes nossos concidadãos, o 25 de Abril aparece como um raio de esperança; de facto os objectivos enunciados e até algumas das medidas dos primeiros Governos Provisórios pareciam vir ao encontro dessa esperança. Era finalmente o reconhecimento dos direitos de quem trabalhando anos e anos, criou, desenvolveu e fez prosperar as empresas.

Como uma das primeiras é estabelecida a reforma mínima, que veio

a ser fixada, para o regime geral em 2.000\$00. Era pouco! Mas era a esperança de que outras medidas viessem. O tempo passa e o pouco é transformado em nada pelo aumento do custo de vida.

O 1.º Governo Constitucional chefiado pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, incluí no Plano para o ano corrente um aumento aos reformados. Propõe-se a miséria de 250\$00 para o regime geral e 150\$00 para o rural. É a continuação da miséria!

Homens e mulheres, que viveram a maior parte da sua vida produzindo, e a quem na terceira idade nada é reconhecido, começam a organizar-se; assim, aos milhares no passado dia 8 de Janeiro realizam plenários por todo o País. Que pedem? Pouco comparado com tudo o que deram ao longo dos anos! Aprovam propostas, moções, clamam por justiça.

### Moção aprovada por unanimidade por todo o país na grande jornada de 8 de Janeiro

Que, através das mais diversas formas (abaixo-assinados, moções, telegramas, etc.), os trabalhadores reformados façam sentir à Assembleia da República a insuficiência dos aumentos das pensões propostos no orçamento do Estado e que portanto os mesmos sejam revistos no sentido de garantir aos reformados uma vida digna a que têm direito e que está claramente expressa na Constituição da República Portuguesa. Que o Governo crie mecanismos conducentes à cobrança das dívidas patronais à Previdência como forma de solucionar ainda que parcialmente a situação financeira da Previdência.

Que o Estado assuma as suas responsabilidades constitucionais cobrindo os défices da Previdência.

Que seja obrigação do Estado a liquidação das pensões do regime especial (rurais) que em tudo devem corresponder ao expresso na Constituição quanto à segurança social.

Que todos os eventuais aumentos sejam praticados na base das pensões que se praticam no momento.

## «A Vigorosa dos trabalhadores avança»

Em relação ao artigo com o título acima e em que ouvimos elementos da Comissão de Trabalhadores daquela fábrica, foi-nos pedida por aqueles trabalhadores uma rectificação a uma sua declaração que interpretámos involuntariamente de modo errado.

Assim, a parte do edifício de que

os trabalhadores pagam uma renda mensal de 8.500\$00 pertence ao sr. Manuel Francisco Teixeira e não ao ex-patrão como se escreveu. Pertence sim ao ex-patrão o restante do edifício, sobre o qual os trabalhadores não pagam qualquer renda.

Aos trabalhadores da «Vigorosa» e aos leitores as nossas desculpas.

### Melhor do que nós falamos as estatísticas

- Mais de 250.000 reformados da Previdência, por velhice ou invalidez, têm pensões de 2.000\$00.
- Mais de 400.000 reformados rurais recebem pensões de cerca de 500\$00.
- Calcula-se em cerca de 300.000 o número de trabalhadores reformados que não recebem qualquer reforma.



## MARÉ - RUA

## Aumento dos combustíveis

A corrida às bombas de gasolina recomeçou na passada quinta-feira: constava com muita insistência que haveria no dia seguinte subida no preço do combustível. E realmente assim foi: subiu a gasolina e com ela o gás. Responsáveis falaram e tentaram explicar a medida através dos veículos de informação, houve reacções nas pessoas (umas compreendendo e aceitando a medida, outras energicamente a contestando; outras ainda, infelizmente, comentando superficialmente sem tentarem esclarecer-se e consequentemente não tomando qualquer posição).

Como esta subida, por si só de grandes implicações, virá ainda acarretar forçosamente subidas no custo de muitos outros produtos que do combustível dependem num futuro mais ou menos próximo, resolvemos ouvir como de costume algumas opiniões sobre o assunto.

O primeiro comentário escutado pela nossa reportagem pertenceu ao sr. José Maria Bessa da Rocha, escritor, do qual recolhemos as seguintes palavras:

«Não estou bem dentro do assunto e por isso não pensei calmamente sobre a subida dos combustíveis. Desde já posso no entanto adiantar que defendo que todas as medidas deste género deverão ser evitadas ao máximo, pois vêm sobrecarregar o povo. A minha dúvida reside no facto de não saber realmente se o Governo tinha ou não esgotado outros meios de obtenção de receitas...»

Deixando o nosso interlocutor, colhemos mais ideias junto do sr. José Curral, estudante, que também tinha algo para nos declarar:

«Penso que o Governo antes de tomar esta decisão deveria lançar medidas de restrição de consumo, como por exemplo, proibir a circulação aos fins-de-semana em vez de sobrecarregar mais

ainda a população com esta medida. Se ela é ou não justificada, não sei... Não tenho dados quanto a isso. Creio que segundo um comunicado do Governo, o petróleo estava a sofrer aumentos no preço a que era cedido ao País desde 1973.»

Mais uma opinião sobre o assunto foi escutada: a do sr. Oscar Fernando, protésico dentário, que também várias afirmações proferiu. Ei-las:

«Compreendo que o Governo, dada a situação, tenha que lançar mão deste meio para aumentar as suas receitas. Não sei mesmo se poderá ter relações com as reivindicações que os químicos têm vindo a fazer. Não será um meio de contrabalançar o aumento da despesa a efectuar com eles?»

Para terminar o «Maré-Rua» deste número, feito em grande velocidade (apesar do custo da gasolina!) ouvimos ainda o sr. João Castro, estudante, do qual recolhemos as seguintes impressões:

«Bom, eu não tenho carro e pessoalmente esse aumento não me vai afectar em nada. Creio que a grande maioria dos nossos trabalhadores não são atingidos directamente, pois não possuem automóveis. Pois aqueles que costumam dar os seus passeios terão possivelmente que os restringir... Abro no entanto uma excepção para aqueles que necessitam do automóvel para a sua profissão. Provada a imperiosa necessidade profissional de um carro, provada a impossibilidade do uso dos transportes colectivos, deveria ser a esses facilitada a gasolina a baixo custo. Creio que é tudo.»

Também nós cremos «que é tudo» por hoje. Para a semana voltaremos com um novo tema que, esperamos sinceramente, não ser ditado por uma nova subida de custo de qualquer coisa a ser feita nos próximos dias...

## RASCUNHOS

Sou daqueles poucos portugueses que ainda não pertencem ao exército dos quatrocentos e oitenta paus anuais da taxa de televisão. Não por me manter em situação irregular mas sim porque ainda me não aventurei à compra de um desses aparelhos (nem por isso baratos) que nos habilitam a receber no domicílio tudo quanto os mentores da RTP entendem mandar para o ar através dos seus dois únicos canais. Se não tenho televisor neste momento, imagine quem me lê se eu seria capaz de perder a cabeça e comprar um dos tais a cores que parece estarem para vir por aí fora, apesar da austeridade a que temos que nos sujeitar!

Deste modo, sou, com bastantes faltas, um telespectador não de trazer por casa mas de trazer pelo café. O que tem, além dos outros inconvenientes que a nossa televisão nos prodigaliza, o de ver em muitas más

condições e ouvir em condições que só não são piores porque são péssimas. Daí que um programa que vinha mesmo a matar finalmente tivesse surgido. Porque ali não há palavras — ou não as deveria haver — já que, conforme lhe foi posto o título, o «Gesto é Tudo». O poeta dizia que «o gesto é tudo, o resto quase nada», e dá-me vontade de perguntar, a quem saiba e queira responder, se neste programa há algum resto ou se aquilo é tudo uma valente pasmaceira.

Tenho visto muitas edições deste concurso erretopiano e cada vez mais me convenço que não é cisma minha. Aquilo não presta mesmo para nada. Não tem ponta por onde se lhe pegue. Com um geitinho de quem soubesse, talvez pudesse melhorar um pouco, mas nunca iria longe.

E se há coisa que nele mais me choque é ver que, apesar da pobreza

## PIOR QUE NOS QUARTEIS...

Com data de 21 de Janeiro de 1977, saía das mãos do sr. ministro da Educação, Sottomayor Cardia, um despacho curioso. Nele se determina que:

1 — Só podem entrar nos estabelecimentos de ensino os alunos pertencentes a esse estabelecimento e o pessoal que aí presta serviço;

2 — Todas as outras pessoas, mesmo os encarregados de educação, apenas poderão entrar mediante apresentação do Bilhete de Identidade e preenchimento de um impresso onde se diga porque se lá vai, onde se vai, com quem se vai falar, qual o assunto;

3 — Os alunos não podem sair dos estabelecimentos de ensino durante os intervalos ou quando tenham horas livres.

O despacho, já se vê, é controverso. E por isso merecerá alguma reflexão. Num tempo em que se fala da escola aberta, num tempo em que se fala da nova pedagogia, num tempo em que se advoga a necessidade de «deitar abaixo» os muros das escolas para quebrar o seu isolamento monástico e deixar livre curso à vida e ao ar fresco, num tempo destes, é estranho que a escola volte a fechar. Sim, volte a fechar. Vão construir-se novas vedações, novos muros, se possível bem altos. Os alunos ficarão lá dentro, a estudar, pois lá é o seu lugar próprio. As outras pessoas, mesmo os pais, ficarão cá fora, pois não têm nada que fazer lá dentro.

Exagero? Talvez...

Os pais, todos o sabemos, não estão muito habituados a ir à escola. Só lá vão quando são chamados, normalmente para ouvirem queixas dos seus filhos. Não há intercâmbio com a escola, por variadas razões. Daqui para a frente haverá ainda menos. A entrada dos pais na escola devia ser facilitada. Sendo necessário mostrar o Bilhete de Identidade (que muitas vezes nem trazemos conosco...), sendo necessário preencher um impresso, estes encarregados de educação passarão a ir ainda menos vezes à escola. Só irão quando for mesmo, mesmo indispensável. Ora não é isso que se pretende, para a construção de uma escola nova.

Os meninos do Liceu andam no Liceu, os meninos da Técnica andam na Técnica. Nem os do Liceu podem entrar nos da Técnica nem os desta podem ir àquele. Apesar das tentativas do ensino Unificado, continua a haver ainda grande separação social e económica entre Liceu e Escola. Isto ajuda a cavar o fosso que desune, não aproxima. E se os alunos dos dois estabelecimentos quisessem reunir-se, discutir em conjunto, conhecer-se melhor, misturar-se? Agora é proibido. Ficarão mais longe uns dos outros. Os doutores serão mais doutores, os empregados mais empregados.

E os professores? Imaginemos que os professores do Liceu e da Escola queiram trabalhar em conjunto, planear acções de carácter pe-

dagógico (como já o fizeram, cá em Espinho), desenvolver quaisquer iniciativas comuns? Não podem. Ou então, se quiserem, mesmo sendo todos professores oficiais, todos empregados do mesmo patrão, terão que se reunir e trabalhar... no café! Sim, porque os professores do Liceu não podem entrar na Técnica nem vice-versa, a não ser quando, «por motivo justificado» tenham «assuntos de seu interesse a tratar». Quem diz que o motivo é ou não justificado? Quem sabe, a não ser os próprios? E mesmo assim lá vem a identificação e o impressozinho...

O impresso é completo. Lá tem que se pôr o nome, o número do Bilhete de Identidade, sua data e arquivo, o serviço ou funcionário a contactar, o assunto a tratar. Por sua vez, o funcionário terá depois de confirmar que o visitante lá esteve às tantas horas e tantos minutos (autêntico!) do dia tantos de tal, e assinar.

Um serviço completo. Mais completo do que nos quartéis, penso eu...

Um último aspecto: a proibição aos alunos de saírem do estabelecimento de ensino nos intervalos ou horas livres. À primeira vista, parece uma medida justificada e salutar. Os pais ficarão até mais descansados por saber que os seus filhos estão dentro da escola e de lá não podem sair (tenham eles 10 ou 18 anos, que isto é para toda a gente...). Antes era assim. Depois mudou-se por se considerar injusto, por se julgar que estava mal. Agora volta-se ao que era.

Em princípio está certo, claro. E até se aceitava, mas em certas condições. Mas quantas escolas têm instalações decentes para crianças (irrequietas por natureza) lá ficarem dentro uma hora ou duas a brincar? Nem todas as escolas são como o Liceu de Espinho... As instalações por vezes são horríveis, não cabe lá ninguém, não há espaço vital para correr, saltar, jogar, não há recreios. E não há salas de convívio, não há jogos, não há música. Em suma, não há NADA que possa cativar os alunos, não há nada que possa dizê-lhes: «Fiquem aqui dentro, na escola, durante esta hora livre, que passam cá um momento agradável». É por isso que os jovens saem. À procura de espaço, de largueza, à procura de um lugar de convívio. Normalmente o café. Esse lugar de convívio onde existe nas escolas?

Em vez de pensar nestes aspectos, tornando a escola um lugar agradável e onde seja bom estar, vai-se pelo caminho habitual e mais fácil: a proibição. Proibe-se isto, proíbe-se aquilo. E depois vêm queixar-se que os miúdos saltam os muros? Pois saltam. Não-de ficar em silêncio, aos montes, nos corredores ou nos átrios húmidos e acanhados? Claro que saltam os muros e as vedações!

E se se tomaram estas medidas para obstar ao uso de droga ou ao fumo ou aos maus ambientes, também aí não se vai longe. Os problemas, se os há, estão LÁ DENTRO da escola. E não se resolverão com as secas proibições.

franciscana do concurso, ainda haja gente que se sujeite a ridículas figuras de urso, fazendo todas as tentativas para subir ao palco lisboeta de onde a coisa é transmitida. Choque

que mais se acentua quando verifico que, ao contrário do que era habitual, a maioria dos concorrentes sorteados reside a norte do Vouga, sobretudo...

Carlos P. Moraes



## Aviso aos desalojados instalados em unidades hoteleiras e estabelecimentos similares

1—Conforme já tornado público, a Resolução do Conselho de Ministros, de 18 de Novembro de 1976, estabelece prazos-limite para a desocupação de unidades hoteleiras e similares. Esses prazos são os seguintes:

—Hotéis de 5 e 4 estrelas, até 31 de Dezembro de 1976;

—Hotéis de 3 estrelas, até 31 de Março de 1977, no Distrito de Lisboa e, até 30 de Abril de 1977, no restante território nacional;

—As demais unidades hoteleiras e similares serão desocupadas, até 30 de Setembro de 1977.

2—Nestes termos, chama-se a atenção, não só de todos os desalojados instalados, a expensas do IARN, em estabelecimentos hoteleiros e similares, mas também aos respectivos proprietários, gerentes ou comissões administrativas de que, nas datas atrás mencionadas, cessa obrigatoriedade e definitivamente todo e qualquer encargo do IARN com aqueles alojamentos.

3—Serão também extintos, em qualquer estabelecimento hoteleiro e em qualquer ponto do país, os termos de responsabilidade que beneficiem pessoas ou agregados familiares que auferiram, pelo menos, 2.000\$00 mensais por pessoa, sendo a fuga dolosa a esta obrigação punida criminal, civil ou disciplinarmente, tanto em relação aos desalojados como aos funcionários responsáveis.

4—A saída dos estabelecimentos hoteleiros e similares, que não deverá ser guardada para o último dia, correspondendo, efectivamente, a um caminho próprio que tem de ser determinado e prosseguido por cada um, poderá inscrever-se, entre outras, nas seguintes alternativas:

—Esforço no emprego, quer recorrendo aos Centros de Emprego, quer às empresas públicas e privadas;

—Recurso ao sistema de crédito para desalojados, quer como empreendedores, quer como trabalhadores por conta de outrem;

—Procura de alojamento por conta própria, inclusivé através de esquemas a pôr em prática pelo Commissariado para os Desalojados;

—Eventualmente:  
—Inscrição nos Centros de Emprego para efeitos de emigração;  
—Inscrição de alguns cidadãos para ingresso em Centros Temporários de Alojamento, já que as vagas existentes são reduzidas e esta solução tem um carácter transitório.

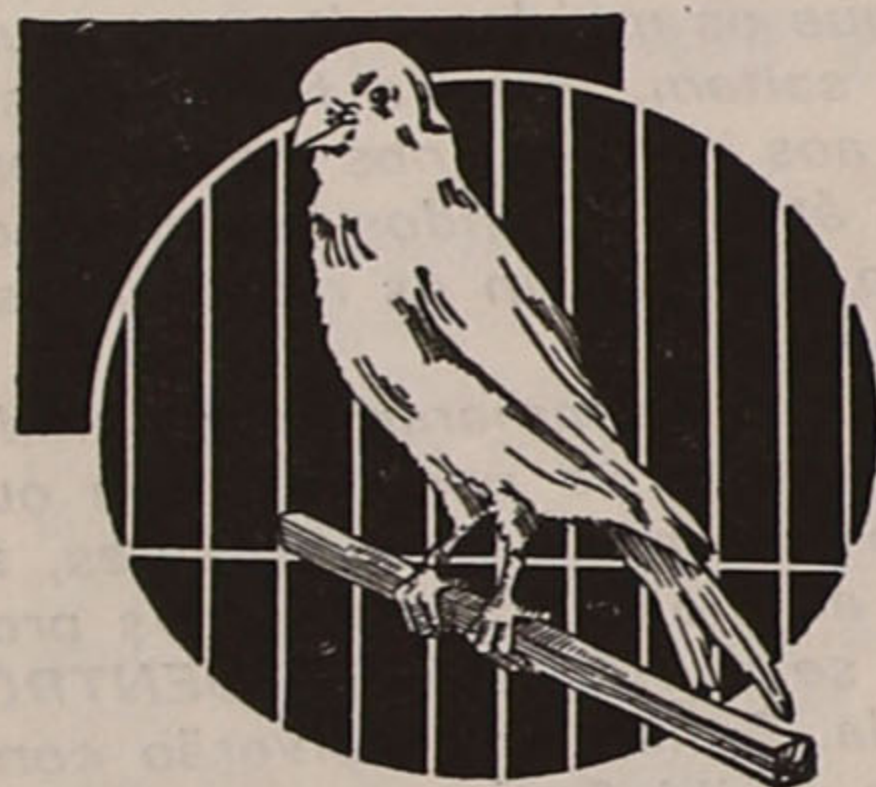
5—Recorda-se, ainda:  
—Os desalojados sem emprego podem solicitar a atribuição do subsídio de desemprego. O seu deferimento e primeiro pagamento obrigará à cessação imediata do benefício de alojamento por conta do Estado;

—A falta de prova de inscrição nos Centros de Emprego ou de recurso ao sistema de crédito para desalojados implicará a cessação de benefícios, nomeadamente o de alojamento.

6—Por último, salienta-se:  
—As poupanças conseguidas com a eliminação de despesas em alojamentos, por conta do IARN, irão reverter a favor da generalidade dos desalojados, através do sistema de crédito para actividades produtivas com criação de postos de trabalho, assim como através da construção de habitações sociais.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1976.

A. Gonçalves Ribeiro  
Ten.-cor.



### O VIVEIRO

Aves — Peixes — Gaiolas Nacionais e Estrangeiras — Aquários — Alimentações — Pombos Correios — Pintos do Dia

Rua 23 n.º 51 e 52 — Telef. 921622  
Mercado Municipal — ESPINHO

# Alojamento dos Retornados

Muito já se disse acerca do decreto-lei publicado no ano que findou que obrigava a saída dos desalojados dos hotéis de quatro e cinco estrelas até 31 de Dezembro último.

Fase a esta decisão, o «Maré Viva» achou importante ouvir a voz dos visados, já que grande número de retornados de Espinho foi atingido pelo decreto, mais propriamente aqueles que se encontravam no hotel «PraiaGolfe», que, como sabem, é de quatro estrelas.

Começámos por ouvir um dos trabalhadores do hotel, José Barbosa, que nos disse que a desocupação foi feita entre os dias 3 e 4 de Janeiro, e sem quaisquer problemas. Pusemos a questão de para onde se teriam deslocado, à qual nos foi respondido que a sua distribuição fora feita por várias terras como Granja, Miramar, Espinho, Porto, Famalicão, Braga, Esposende e Póvoa de Varzim, para pensões, hotéis de duas e três estrelas ou ainda estalagens. Ainda nos informou o sr. José Barbosa de que aqueles que permaneceram em Espinho ficaram alojados nas pensões Particular, Beira-Mar e Pop.

Saídos do «PraiaGolfe», era lógico que procurássemos alguém com quem pudéssemos falar acerca destes problemas, que estivesse dentro deles — um retornado, claro, e se possível que tivesse sido transferido do hotel. Junto à pensão Beira-Mar encontramos o sr. Joaquim Rangel, com o qual entabulámos conversação:

M. V. — O que pensa do decreto emanado do Governo?

«O que eu acho é que andamos a ser atirados daqui para acolá. Temos o rótulo de retornados, se bem que eu não o seja; sou sim desalojado. Tenho 55 anos, sou natural de Lubango (Sá da Bandeira) tal como a minha mulher, meus pais e meus filhos, e sempre lá vivi sem nunca cá ter vindo, apesar de há muito acalentar esse desejo.

As vezes temos que pedir tabaco aos amigos, pois o IARN há mais de um ano que não envia dinheiro. Até o sabão temos que pedir, pois o hotel não o dá!

Eu e outros amigos fomos outro dia pedir trabalho, mas responderam-nos logo que não, pois éramos retornados. Não percebo porque nos olham desta maneira.»

M. V. — Da sua estadia no «PraiaGolfe» que tem para nos dizer?

«Tudo correu mais ou menos normalmente durante toda a estadia no hotel «PraiaGolfe». Houve uma vez problemas com o cozinheiro que teve palavras insultuosas para connosco.

Apesar disso, foi pelo menos um sítio em que vivemos com as mesmas comodidades que lá tínhamos.

Quando cá chegamos disseram que nos davam roupa, pois aqui o clima é frio, e nós lá fomos pedi-las. Acabaram por nos responder que não nas davam pois estávamos em hotéis. Como se o hotel nos desse roupas!»

M. V. — Está estipulado que terão de sair em mais ou menos tempo também das pensões e hotéis de

2 e 3 estrelas. Neste caso para onde irão?

«Sim, já o ouvi. Uns dizem que lá para Março, outros para Setembro. Não sei de nada, apesar de se dizer já que iríamos para quartéis abandonados. Mas isso não deve ser.

Só não percebo porque não nos mandam para Angola. Isto aqui não é como lá, onde o clima é óptimo, em que há sol de dia e as noites são agradáveis. Podemos sair de manhã e andar até à noite em camisa.»

M. V. — Perguntou porque não vos mandam para Angola de novo. Pois bem, se isso lhe fosse proposto aceitava regressar?

«Sim senhor e penso ainda lá voltar. Porque o que herdei de meus pais e ganhei com o meu suor, tudo lá deixei! Se amanhã me propusessem lá voltar, não me importava de iniciar nova vida nem que fosse numa «cubata», tipo de palhota coberta de barro e capim. Mas se não nos querem lá, não podemos viver em Angola. E como eu, milhares estão na minha situação!

Se a calma estiver implantada em Angola, volto com certeza. Ainda esta semana recebi uma carta a dizerem-me para esperar um pouco ainda pela altura melhor para regressar.

Para terminar digo-lhe que sentimo-nos como uma árvore velha a quem vão caindo os ramos e vai morrendo lentamente...»

Retornados são problema. E dos muito graves. Até quando o será?

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

### Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

CASA LUISA NOGUEIRA

## João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

FÁBRICA DA BRASILEIRA



## ramiro de sá couto, lda.

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO

Papeis / Embalagens / Artes Gráficas

TELEFONE, 96710

APARTADO 11

S. PAIO DE OLEIROS

ALFAIATARIA MANO

DE

## José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731

Telefone, 921823

ESPINHO

## TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

### na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

## Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA  
— S. PEDRO

## AGOSTINHO PEDROSA

Médico Especialista em Doenças de Criança

Consultas às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª  
Marcações desde as 15 horas

Consultório: Rua 19 n.º 343 — 1.º  
Sala - B — Telef. 920634  
Residência — Telefone, 9620795



# TÉLÉ: Dos aplausos aos assobios!

Nisto de futebol acontece muita coisa estranha, irracional, a demonstrar as deficientes estruturas em que assenta, os vícios de que enfermam os conceitos que dominam, a provar que futebol ainda aliena, cria e destrói valores, princípios, regras. E pensar em futebol não é só restringir-nos aos pormenores técnicos, ao fulgor das exhibições, às qualidades excepcionais dos jogadores, às jogadas geniais, aos golos fulminantes, às defesas acrobáticas, aos erros ou virtudes da arbitragem, às táticas dos treinadores. Teremos também que pensar, para não falarmos das condições económicas da maioria dos jogadores, das diferenças entre grandes e pequenos clubes, no público, nas suas reacções, inconstantes, por vezes violentas.

Mas, vem tudo isto a propósito do último Espinho - Paços de Ferreira, mais precisamente de Têlé, o brasileiro que já jogou três épocas na equipa local. Nessa altura Têlé era o ídolo, a vedeta n.º 1 dos «tigres», o marcador de serviço, a última esperança. Têlé era a coqueluche, o motivo dos aplausos, dos abraços, dos elogios rasgados. Foi o melhor marcador da Zona Norte da 2.ª Divisão quando ascendemos à divisão principal. Era nome corrente, apregoado ao sete ventos, pintado nas paredes como propaganda política. Têlé era um produto do futebol-espectáculo, a vedeta criada num ápice, as

facilidades a surgirem-lhe em avalanche, o sucesso a sorrir-lhe de desafio para desafio. O futebol profissional é um espectáculo, para isso são necessárias as vedetas, como atracção, como chamariz, como fonte de receita.

Mas Têlé após três anos ao serviço dos «tigres», como futebolista profissional que é mudou de camisola, optou por um contrato porventura mais rendoso. Porque jogar futebol é a sua vida, a sua profissão.

Contudo o público espinhense terá esquecido isto, terá esquecido que há um ano atrás ainda Têlé era aplaudido. Mas os aplausos foram substituídos por assobios, por comentários azedos. Outrora quando Têlé marcava um golo eram as palmas, hoje quando caía no terreno empapado pela chuva eram os sorrisos sarcásticos, a troça com algum sabor a vingança, a desforra. Têlé, continua a ser o mesmo jogador, com qualidades, com defeitos, capaz do melhor e do pior, ganhando a sua vida como jogador de futebol. Hoje aqui, amanhã acolá, hoje vedeta, amanhã ignorado, assobiado.

Hoje um público que aplaude, amanhã o mesmo público que assobia. Ou um espectáculo onde interessa ganhar, atrair público, oferecendo a glória ou o desprezo, consoante as circunstâncias, os interesses de momento.

## FUTEBOL

### S. C. de Espinho, 1 - Paços de Ferreira, 1

Com sabor a injustiça

**S. C. Espinho** — Quim, Gomes, Peirinha, Gonçalves I e Raul; Meireles, João Carlos e Gonçalves II (Vaqueiro, aos 74 min. e Gentil, aos 80 min.); Serrão II, Reis e Malagueta.

**Paços de Ferreira** — Luz; Zé Manel, Valdemar, Brito e Dema; Hélder Ernesto, José João (Malheiro, aos 87 min.) e Marques (Pimenta, aos 74 min.); Ricardo, Canavarro e Têlé.

**Árbitro** — Porém Luís, de Leiria.

Ao intervalo: 0-0.

1-0, aos 85 minutos. Livre a cair sobre a grande-área pacense, tentativa de remate de Gonçalves I, com a bola a sobrar para Reis, que rematou forte, sem hipótese para Luz.

1-1, aos 88 minutos. Ricardo centrou largo sobre o lado direito, Pimenta ensaiou um remate frouxo. Quim não conseguiu segurar a bola e no meio da confusão, Valdemar empurrou a bola para as redes desertas.

★

Apesar da chuva miúda e persistente, o rectângulo do Avenida, lamacento e pesado, esteve emoldurado por uma grande assistência que emprestou ao jogo todo o seu entusiasmo.

O terreno favorecia, em princípio, a equipa do Paços de Ferreira, de maior índice atlético do que a dos espinhenses. Esta superioridade física pouco serviu e foi o Espinho quem comandou as operações durante todo o jogo.

Podemos assegurar que nunca se viu esta época em Espinho uma equipa tão subjugada e remetida à defesa como o actual guia da Zona Norte. Os tímidos contra-ataques que ensaiavam, sempre em lançamentos longos como o piso aconselhava, eram facilmente anulados pela defesa do Espinho, uma defesa que atacou mais do que defendeu. Têlé e Canavarro (aureolado como o melhor goleador da II Divisão) quase passaram despercebidos e só o primeiro «entrava» no jogo quando vinha disputar lances ao seu meio campo.

O Espinho, noutro estilo, mais miúdo e rendilhado, por isso mais difícil naquele terreno, por isso mais esgotante, carre-

gou sistematicamente sobre a defesa pacense. A certa altura começou a optar pelos centros sobre a grande-área, num processo mais simples, menos desgastante, a «pedir» um lance de lotaria que lhe desse um golo.

O certo é que, duma maneira ou doutra, as oportunidades iam surgindo e eram os espinhenses os únicos a merecer marcar, os únicos que alguma coisa faziam por isso.

Foi assim em toda a primeira parte. Foi também assim na segunda, mesmo quando o meio-campo se começava a ressentir do esforço dispendido. Começou então a aparecer Gonçalves I a funcionar como médio, a fazer arrancadas pelo centro do terreno, a distribuir jogo. Nos corredores laterais Gomes e Raul também importantes no catapultar do jogo ofensivo dos locais.

A substituição de Vaqueiro, com que se pretendia dar novas forças ao meio-campo, acabou por se tornar negativa, pois o pequeno jogador só esteve cinco minutos em campo, acusando a lesão que andava a curar.

Entrou Gentil e o descarregar de jogo sobre a baliza de Luz continuou, dando-lhe muito trabalho, ao invés de Quim, que foi quase como que mais um espectador.

Até que veio o golo a dar moral à partida, a cinco minutos do fim. Era corolário lógico do esforço dos únicos que queriam ganhar.

Mas eis que sucede o imprevisto e o injusto. Na única jogada de ataque digna desse nome, o Paços de Ferreira restabeleceu a igualdade, aproveitando um lance confuso, igual aos muitos que havia vivido na sua grande-área.

Repetir que o resultado foi injusto pouco adianta. O que já não impede que se diga que o Espinho deu mais um rude golpe nas suas ténues aspirações. Quanto ao Paços de Ferreira, com «sorte» de campeão, não nos parece com estofos para o ser. Pelo que lhe vimos fica muito, muito atrás de equipas como o Riopele, o Fafe, e, mesmo, o Famalicão.

Aos espinhenses resta só talvez um campeonato tranquilo e também uma boa classificação. Tudo o mais não é impossível, mas... Bem, tentar não custa!

# DESPORTO

## ANDEBOL

### Campeonato Regional da 2.ª Divisão

S.C.E., 25 — LEIXÕES, 11

Mais uma vitória sem dificuldades dos espinhenses que continuam a demonstrar possuir equipa para subir de escalão.

Ainda no âmbito do andebol, salienta-se a vitória do Oleiros no regional

aveirense da 2.ª divisão, pelo facto de esta equipa ter apenas aparecido esta época. Dela fazem parte alguns jogadores que eram do S.C.E., sendo treinada pelo antigo técnico dos espinhenses Francisco Barbosa.

Contamos num dos próximos números dedicar uma reportagem sobre o aparecimento da modalidade em Oleiros e a sua expansão.

## HÓQUEI EM PATINS

### TAÇA DE PORTUGAL

CARVALHOS, 3 — A.A.E., 3  
(após prolongamento)

#### Infantis

A.A.E., 12 — VALONGO, 2

Como tínhamos previsto no número

anterior a A.A.E. foi afastada da Taça de Portugal apesar da boa réplica oferecida, obrigando a um prolongamento. Mas, a derrota no jogo da 1.ª mão veio a ser decisiva e a pesar em desfavor dos espinhenses.

## VOLEIBOL

### Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

#### Seniores Masculinos

A. A. Coimbra, 0 — S.C.E., 3  
Esmoriz, 3 — S.C.E., 1

#### Seniores femininos

Vila Real, 3 — S.C.E., 0

### Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

A.A.E., 0 — Fiães, 3  
Madalena, 3 — A.A.E., 0  
Oliveirense, 3 — A.A.E., 0

### Campeonato Nacional de Juniores

S.C.E., 1 — Esmoriz, 3

### Campeonato Nacional de Iniciados

S.C.E., 3 — Carvalhos, 0  
A.A.E., 3 — Esmoriz, 2

### Campeonato Regional de Juniores

F. C. do Porto, 3 — S.C.E., 0  
Nun'Alvares, 0 — S.C.E., 3

Acabaram as fases iniciais dos nacionais da 1.ª e 2.ª divisões. Na divisão principal o S.C.E. alcançou o 2.º lugar na série logo atrás do F. C. do Porto. Agora, na 2.ª fase, estas duas equipas serão integradas numa série com as duas últimas da outra, pelo que não temos dúvidas em afirmar que os espinhenses estão praticamente já apurados para disputarem a fase seguinte.

Por sua vez, a A.A.E. ficou-se pela última posição na sua série, o que demonstra assim como os últimos resultados obtidos (3 derrotas a 3-0) que algo vai mal na equipa. Não sabemos de quem é a culpa deste fraco rendimento, mas o que é um facto é que a equipa está a jogar mal e a perder jogos. Está nas mãos do técnico e dos

## Associação Académica de Espinho

### ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

#### Convocatória

No uso da competência atribuída pelo Art.º 36.º-b) dos Estatutos e, em conformidade com o Art. 84.º dos mesmos Estatutos, convoco os Senhores Associados para reunirem, no dia 4 de Fevereiro de 1977, pelas 21 horas, na Sede do Clube, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Leitura, discussão e aprovação da acta da Assembleia anterior;
- 2 — Leitura, discussão e aprovação dos relatórios das secções que não foram presentes à última Assembleia Geral Ordinária;
- 3 — Discussão e aprovação duma proposta da Comissão Directiva, para aumento das quotas;
- 4 — Discussão e aprovação de propostas de alteração dos Estatutos em vigor;
- 5 — Discussão de qualquer assunto de interesse para a Colectividade.

Se à hora e no local indicados, não estiver presente a maioria absoluta dos sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número.

Espinho, 22 de Janeiro de 1977.

O Presidente da Assembleia Geral,

Arq.º Jerónimo Ferreira Reis

## MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014



# MARÉ VIVA

## «NASCENTE» NÃO É SÓ ESPINHO



G  
R  
A  
N  
J  
A



G  
R  
I  
J  
Ó

A «NASCENTE» saiu mais uma vez, portas fora.

Levou consigo o material indispensável à divulgação da arte chamada CINEMA — projector, bob-nas, fios e fita. Levou também, e principalmente, a vontade de alargar o alcance das nossas actividades até locais nunca dantes atingidos.

Não nos animam compromissos escondidos, militâncias tarefeiras ou bombeirismos culturais. Aceitamos o nosso trabalho na medida em que soubermos que que mdele beneficia o aprova e o apoia.

E isto tem acontecido:

— Um grupo muito jovem da Granja — GRUPO DE ACÇÃO CULTURAL — contacta-nos, ouvimo-los dizer que dispõe dum salão com condições mínimas para permitir que nele se faça uma sessão de cinema, indicam-nos uma data, seleccionamos um filme. Divulgam a realização pelos processos que lhes surgem mais convenientes e, no dia aprazado, Sexta-Feira, 22, «O REI DO LAÇO», do conhecido cómico americano Jerry Lewis é visto por cerca de 200 pessoas.

— Domingo, 24, como havíamos anun-

ciado, o filme referido é apreciado por mais de 100 pessoas, depois dum trabalho de sensibilização a cargo do GRUPO BENEFICIENTE DE GRIJÓ, do lugar da Póvoa.

História simples, os nossos amigos da Granja e de Grijó riram connosco ao verem a forma como o «artista» recusou servir os interesses de sua mãe que, casando-o com a filha dum rico armador, pretendia resolver o problema do transporte do ferro que saía da sua «corporação-do-aço».

Riram ao ver os excessos de Jerry, as suas asneiras, o seu embaraço aparente. Riram talvez por outras razões, que respeitamos. Riram mesmo quando não conseguiram acompanhar as legendas, que galopavam tal e qual os cavalos da fita.

Além de rirem, conviveram. Gentes da mesma terra nem sempre se dispõe a isso. O que se passa tanto na Granja como em Grijó, em Espinho como em Lisboa.

Que as saídas da nossa Cooperativa contribuam de alguma forma para aproximar as gentes das terras onde nos deslocamos.

## QUAL É ELA ?

«Maré Viva» suspende o concurso «Qual é ela?» durante um mês. O objectivo é dinamizá-lo, aumentando o número e o valor dos prémios, variando-os e abrindo iniciativas aos concorrentes.

Convidamos os leitores e, em especial, os apreciadores do Concurso, a enviarem-nos sugestões para a dinamização que pretendemos dar ao «Qual é ela?» e críticas ao concurso nos moldes em que ele estava a ser elaborado, dando até uma achega ao valor que este Concurso possa (ou não) ter em relação ao diálogo entre o jornal e o leitor.

Terminamos, assim, uma primeira parte do Concurso, na qual descobrimos personalidades «em evidência» embora, logicamente, por motivos diferentes: o ministro Sottomayor Cardia, o general Otelo Saraiva de Carvalho, o engenheiro Lopes Cardoso, o brigadeiro Pires Veloso e o polícia Mota Freitas, e através da qual contemplámos leitores do «Maré Viva» com «A Ilha dos Escravos» (Marivaux); «Histórias do Tempo da Outra Senhora» (José Viale Moutinho); «O Povo em acção — não ao ensino burguês» (colectivo da Base) e «Introdução ao Teatro Cubano» (Rine Leal e Rogério Paulo) além de um álbum de Banda Desenhada. Aguardamos sugestões, críticas, informações. Escrevam para «Maré Viva» para reaparecermos com um novo Concurso daqui a um mês, mais amplo e ainda de maior poder participativo...

Entretanto, acertando na personalidade «escondida» no último concurso — Mota Freitas — a leitora Maria Manuela Monteiro de Oliveira, de Grijó, poderá procurar na nossa redacção o prémio que lhe cabe.

## Viram a «Arraia Miuda»?

### Ouviram Afonso Anes Penedo?

Espero, amigo, que tenhas visto a «Arraia Miúda», aquela peça de teatro do Jaime Gralheiro que a Cooperativa Nascente apresentou em Espinho, no dia 15 de Janeiro.

A sala estava cheia e mais do que cheia e, se foi por isso que não viste, talvez ainda tenhas uma hipótese: sugerir à Cooperativa que traga novamente a Espinho a brava equipa do Cénico de São Pedro do Sul. É muito capaz de haver ainda em Espinho gente para encher novamente o amplo salão da Escola Comercial e Industrial e haverá muito quem queira ver outra vez.

Por mim, falo. Já vi a «Arraia» feita pelo TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) e pelo Cénico e não vou ficar por aqui, ainda hei-de ver outra vez, pois, de cada vez que vejo, encontro novos motivos de interesse.

A começar pelo Fernão Lopes.

A acabar no Afonso Anes Penedo.

Fernão Lopes que tanto me entusiasmou, logo que, no Liceu, o li pela primeira vez e que me pode até ter influenciado na escolha da profissão, foi, sem dúvida, um grande jornalista.

Quanto a Afonso Anes Penedo, viram-no no palco? Lembrem-se da sua intervenção, a impor a força do Povo junto dos mercadores que hesitavam em apoiar a Revolução?

Afonso Anes Penedo era tanoeiro.

O meu avô também.

O meu avô era tanoeiro  
e eu gostava de o ver a trabalhar  
o dia inteiro  
a martelar  
naqueles aros de ferro  
que abraçavam as ripas de madeira  
e faziam as pipas e toneis.

Saía às seis  
e levava-me pela mão  
desde o Cais do Beato  
à Rua do Grilo  
onde eu morava.

Todos os dias aquilo  
e sempre me encantava.

Na verdade  
muito gostava eu  
do meu avô que morreu  
sem glórias  
sem dinheiro.  
Muito lhe quis  
e ainda fiquei a querer-lhe mais  
quando soube, um dia,  
que também era tanoeiro  
aquele homem sem medo  
chamado Afonso Anes Penedo  
aquele tanoeiro honrado  
que instituiu em Portugal  
no tempo do Mestre de Aviz  
a primeira Ditadura do Proletariado.

Carlos Pinhão



PORTE  
PAGO